

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DEMOCRATIZAÇÃO, EXPANSÃO E INTERIORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO BRASIL

Josenilda Aparecida Ribas Bueno (UEPG/NUTEAD – jo_abueno@hotmail.com)
Marly Catarina Soares (UEPG/NUTEAD – marlycs@yahoo.com.br)

Grupo Temático 5. *Qualidade na educação a Distância e a democratização do conhecimento*
Subgrupo 5.3. *A EaD como estratégia de democratização no ensino superior: acesso e equidade.*

Resumo:

Este trabalho apresenta um panorama da educação a distância no Brasil nos últimos anos, uma modalidade de ensino que tem se mostrado cada vez mais presente no cenário da educação contemporânea. A pesquisa tem como objetivo analisar a EAD enquanto processo de democratização, expansão e interiorização do conhecimento no ensino superior, fazendo algumas reflexões sobre sua importância concernente à inclusão e suas expectativas futuras. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, para tanto foram trazidas contribuições de Litto (2002), Moran (2004), entre outros, além do censo ABED 2012. A pesquisa aponta para grandes expectativas futuras para a EAD, porém no cenário da inclusão ainda há um longo caminho a percorrer, posto as grandes desigualdades socioeconômicas brasileiras existentes.

Palavras-chave: Educação a Distância, Democratização, Inclusão, Expectativas.

Abstract:

This paper presents an overview of the distance education in Brazil in recent years, a teaching modality that has become ever more present in the setting of contemporary education. The research aims to analyze the EAD (acronym in Portuguese) as democratization, expansion and internalization of knowledge in college education process, making some reflections on its importance concerning the inclusion and their future expectations. The methodology used was the literature, contributions from Litto (2002), Moran (2004), among others that were brought, besides the 2012 census of ABED's research points to the big future for EAD expectations, but still on the scene of inclusion there is a long way to go, given the large existing Brazilian socioeconomic inequalities.

Keywords: distance education, democratization, inclusion, expectations.

1. Introdução

A sociedade contemporânea mundial é marcada pelo uso frequente e disseminado das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), seja no âmbito do entretenimento ou no âmbito educacional. E logicamente, para acompanhar essa mudança comportamental ocorrida nos últimos anos se faz necessário que o processo pedagógico também acompanhe essa nova realidade. Realidade esta que exige cada vez mais e oferece muito mais conhecimentos a se adquirir, mas, em contrapartida, disponibiliza cada vez menos tempo. Esse é novo cenário que se delineia pelo desenvolvimento crescente da tecnologia e pela atual realidade da sociedade, que pede cada vez mais uma maior interação entre a educação tradicional e a educação midiática e que tende a valorizar cada vez mais a cultura da aprendizagem em vez da cultura do ensino.

Nesse aspecto a educação a distância vem atuando como importante ferramenta na democratização do conhecimento, suprindo a necessidade de tempo, de espaço e de deslocamento. No entanto é importante destacar que a educação a distância não é uma forma facilitada de obtenção de diploma e muito menos uma fábrica de estatísticas de alunos formados, mas sim um instrumento de aprendizagem e oportunidade que viabiliza maior flexibilidade nos horários e a possibilidade de se construir pontes para levar a educação aos mais diversos lugares.

Com relação a multifacetada EAD, uma de suas mais fascinantes e importantes características é a possibilidade de incluir pessoas antes excluídas do processo tradicional de ensino. A possibilidade de levar conhecimento às pessoas, já que o contrário não pode ocorrer, pois a maioria dessas pessoas, devido a fatores geográficos, financeiros, incompatibilidade de horários, entre outros, não pode frequentar as salas de aula tradicionais. E justamente por isso, são várias as expectativas com relação à EAD.

Entretanto, no Brasil, devido a grande desigualdade social e econômica, ainda existem muitos obstáculos a serem enfrentados para que a educação a distância possa atuar de forma mais contundente e expressiva na expansão e interiorização do conhecimento e na busca pela equidade em todas as regiões brasileiras. Sem contar ainda, os muitos desafios que a modalidade enfrenta no que diz respeito à resistência de alguns, a descrença de outros, mesmo entre os próprios profissionais da educação.

2. A evolução histórica da EAD

Para se entender um pouco mais sobre a EAD é importante conhecer um pouco sobre o seu conceito, sua trajetória e seus objetivos. Primeiramente é essencial evidenciar que não se trata de um novo método de ensino, mas sim de uma modalidade de educação, na qual o principal objetivo é usar as tecnologias existentes para expandir a educação e alcançar pessoas que, seja por razões geográficas, temporais, entre outras, eram sistematicamente excluídas do processo de educação.

Quanto ao seu conceito, não se tem uma uniformidade em sua concepção, conforme afirmam Rodrigues e Schmidt (2010, p. 13), pois o seu entendimento pode variar de acordo com a base teórica de cada autor e pode ser influenciado ainda pelo avanço das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Mas basicamente a EAD pode ser caracterizada como uma modalidade de educação na qual a interação entre professor e aluno pode ser realizada sem a necessidade de estarem presentes fisicamente, usando os recursos tecnológicos na superação de barreiras de tempo e espaço.

Azevedo (2005, p. 7) explica que graças às tecnologias novas experiências tem se tornado possíveis, vive-se num outro espaço e num outro tempo. Um espaço que não pode ser delimitado por coordenadas geográficas e onde é preciso aprender a se movimentar.

O novo espaço tem sido chamado de “ciberespaço”, mas também de “mundo virtual” ou ainda “espaço virtual”. É um espaço que não se define por coordenadas geográficas nem por seus elementos materiais concretos. A localização de uma sala virtual é um endereço lógico, uma seqüência de caracteres que identifica um conjunto de arquivos binários num disco de computador. (AZEVEDO, 2005, p. 7)

Na percepção de Litwin apud Albino e Barros (2010, p. 44), a educação a distância proporciona uma maneira de estimular os alunos a aprenderem, enfatizando sua autonomia, no entanto não deve ser confundida com autodidatismo, já que o autodidata seleciona o conteúdo sem a necessidade de uma proposta pedagógica de ensino para auxiliá-lo.

De acordo com Barros (2010, p. 63), o discente na EAD é predominantemente adulto e o que se desenvolve é uma aprendizagem mais centrada no aluno, na autonomia e na autossugestão da aprendizagem. Trata-se da andragogia. Dessa forma, o aluno sai da condição de receptor de mensagens para uma postura mais ativa, se desenvolvendo a partir de seu próprio ritmo.

A educação a distância não deve ser confundida com ensino a distância, pois segundo Albino e Barros (2010, p. 43), são duas terminologias diferentes. Os autores explicam que embora os dois termos sejam usados indistintamente, cabe uma pequena, porém importante diferença entre eles.

[...] o ensino caracteriza-se pela instrução, transmissão de conhecimentos e informações, adestramento, treinamento, já a educação é uma prática educativa, processo ensino e aprendizagem, que leva o indivíduo a “aprender a aprender”, a saber, a pensar, a criar, a inovar, a construir conhecimentos, a participar ativamente de seu próprio crescimento. É um processo de humanização, que alcança o pessoal e o estrutural, partindo da situação concreta em que se dá a ação educativa numa relação dialógica. (ALBINO; BARROS, p. 43)

De acordo com Nunes (2009, p. 2), no aspecto mundial, o primeiro registro que se tem dessa modalidade, são as aulas por correspondência de Caleb Philips em 1978 na Gazette de Boston, EUA, que semanalmente enviava suas lições aos alunos inscritos. Desde então a EAD foi ocupando espaço em diferentes partes do mundo, sendo que nos Estados Unidos existem muitas Universidades importantes e instituições de outros níveis educacionais altamente conceituadas.

No Brasil, conforme relatam Rodrigues e Schmidt (2010, p. 24), a EAD começa a surgir no início do século XX, mais precisamente em 1904 se tem início os primeiros cursos por mídia impressa e correios, ofertados por empresa privada. Em 1923, com o Rádio Educativo, surgem os primeiros ensaios de cursos usando mediação tecnológica.

Dá-se destaque para o Instituto Monitor em 1939, primeira escola de educação a distância no Brasil, e também para o Instituto Universal Brasileiro em 1941 que profissionalizou muitos brasileiros. A partir do Instituto Monitor várias experiências em EAD começam a surgir apresentando expressivo êxito. Segundo as autoras, essas experiências iniciais foram muito relevantes no sentido de romper com o modelo educacional vigente, representando uma oportunidade para que as pessoas pudessem se profissionalizar sem a necessidade de estarem presencialmente em uma sala de aula.

Com relação a EAD no ensino universitário mais especificamente, foi em 1985 que as universidades passaram a fazer uso do computador em rede local e também nessa data que começaram a serem usadas as mídias de armazenamento (vídeo-aulas, disquete, CD-ROM, etc).

Em 1994, concomitantemente com a expansão da internet no meio universitário, inicia-se a oferta de cursos superiores a distância por mídia impressa. Quanto a regulamentação da EAD no Brasil ocorre em 1996 através da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que de acordo com as autoras, ao reconhecer a validade dos cursos na modalidade criou possibilidades de formação superior a distância que até então não existiam.

Em 1997, com a criação dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), ocorre o início das ofertas em cursos de especialização a distância utilizando a internet, em universidades públicas e particulares. E finalmente em 1999, ocorre o credenciamento oficial de instituições universitárias para atuar em educação a distância, pelo Ministério da Educação.

3. Os números na Educação a Distância nos últimos anos no Brasil

No âmbito das matrículas em cursos EAD no Brasil nos últimos anos, houve um aumento gradativo em cada período analisado, o que demonstra mais uma vez a expansão pela qual vem passando a modalidade. De acordo com o Censo ABED EAD. BR 2012, o número de instituições respondentes aumentou de 128 para 252 de 2009 para 2012 e aumentou também o número de matrículas nos cursos a distância que saltou de 528.320 para 5.772.466 nesses três anos. A evolução pode ser visualizada na tabela 1.

Tabela 1: Evolução das matrículas em EAD (2009 - 2012)

Ano	Instituições participantes	Matrículas em EAD
2009	128	528.320
2010	198	2.261.921
2011	181	3.589.373
2012	252	5.772.466

Fonte: Extraída do Censo EAD 2012 (ABED)

O perfil do estudante dos cursos EAD em geral é um pouco diferente do convencional, já que os alunos possuem em média 33 anos, diferente do que ocorre nos cursos presenciais. Na graduação a distância a idade média do ingressante é 32 anos e a idade mais frequente é 30 anos.

A faixa etária predominante nos cursos autorizados¹, segundo o censo, é a faixa entre 18 e 30 anos (50%), seguida pela faixa de alunos entre 31 a 40 anos (43%), sendo que maioria dos alunos entre 18 e 30 anos estão cursando graduação (33%) e pós-graduação (34%). Já em relação aos cursos livres não corporativos² há predomínio da faixa de 18 a 30 anos (59%) e 31 a 40 anos (37%). E por fim, nos cursos livres corporativos³, a maior frequência é de alunos de 31 a 40 anos (65%) e 18 a 30 anos (25%). Vale destacar ainda, que a maioria dos estudantes EAD são mulheres, excetuando os cursos corporativos onde predomina o público masculino.

É possível observar também que na EAD predominam os cursos de licenciatura com 43,3% das matrículas, seguidos pelos cursos de bacharelado com 30,2% e por último, mas também com número expressivo de matrículas os cursos tecnológicos com 26,6% das matrículas. Diferentemente do presencial onde predominam as matrículas nos cursos de bacharelado com 73% das matrículas, contra 16,1% em licenciaturas e apenas 10,6% em cursos tecnológicos.

De acordo com o resumo técnico da educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, a maioria das matrículas na graduação é do público feminino (56,9%). Em síntese, o mesmo censo definiu o perfil do discente presencial como sendo do sexo feminino, geralmente com idade em torno de 18 anos, cursando bacharelado, noturno em instituição privada. Já o perfil do discente EAD foi definido como sendo também do sexo feminino, de instituição privada, mas cursando licenciatura e com idade em torno de 30 anos.

O estudante EAD em sua grande maioria trabalha, tem filhos ou reside em localidades mais distantes, cidades pequenas e buscam na modalidade uma forma de conseguirem cursar uma graduação ou curso de extensão, profissionalizante ou até mesmo corporativo. Cabe lembrar que hoje são várias as empresas que disponibilizam cursos on line visando capacitar sua mão-de-obra.

4

4. A EAD e a democratização do conhecimento no ensino superior

Todos os homens são iguais perante a lei, mas nem todos têm acesso a todos os direitos sociais, principalmente no que se refere à educação e principalmente qualidade educacional. Quem tem acesso a educação tem maior facilidade ao acesso dos outros direitos, mas e os não escolarizados ficariam excluídos? Ocorre que muitos indivíduos não têm nem mesmo o conhecimento de seus direitos e apesar desses direitos não deixarem de existir somente porque o

¹ Curso autorizado/reconhecido é o curso oferecido por instituição credenciada e que necessita de autorização ou reconhecimento de órgão normativo municipal, estadual ou federal para ser disponibilizado a um público interessado.

² Curso livre é o curso que não precisa de autorização de órgão normativo para ser oferecido ao público interessado. No levantamento, um curso de extensão é considerado livre.

³ Curso corporativo é o curso oferecido por uma instituição ou empresa exclusivamente para seus funcionários, clientes ou fornecedores.

indivíduo os desconhece, passam despercebidos porque não se pode exigir algo cuja existência não se conhece. A educação deve atuar nesse sentido de conscientização e estímulo da autonomia intelectual.

Na perspectiva de Wachowicz (2013, p. 320), a educação é assunto polêmico num país com tantas desigualdades sociais e econômicas como o Brasil, já que se trata de um direito do cidadão e constitui-se num direito indissociável do próprio conceito de cidadania, a ponto de se considerar a educação como o primeiro e mais importante dos direitos sociais. “A educação e a transmissão do conhecimento são tratadas no Estado como um direito social, como um instrumento necessário para a construção de uma sociedade mais justa, livre e solidária. [...]” (WACHOWICZ, 2013, p. 320).

Hoje a educação, assim como outros direitos sociais, para muitos brasileiros está assegurada somente na lei, mas na prática não é como se diz, pois se todos os brasileiros realmente fossem frequentar a escola, não haveria escola para todos. O mesmo ocorre nas universidades e é por isso que dezenas de jovens disputam uma vaga em uma universidade pública. Logicamente a educação deve vir acompanhada da melhoria nos outros direitos sociais, como emprego, melhores salários, saúde, moradia, etc., que são também essenciais para a inclusão de mais indivíduos nas salas de aula, tornando-os parte do processo, mas enquanto isso não é possível o que se pode fazer é contar com os recursos disponíveis, como é o caso da EAD.

Atualmente existem alguns bons programas estudantis federais, como o PROUNI, FIES, entre outros, que já beneficiaram muitos jovens, que de outra forma não teriam acesso ou teriam dificuldades para cursar uma graduação. Nesse mesmo contexto inclusivo, porque não mencionar a EAD, mas especificamente a UAB (Universidade Aberta do Brasil), que vem paulatinamente somando nesse cenário de inclusão.

A Universidade Aberta do Brasil (UAB) surge como uma iniciativa do MEC visando a inclusão social e educacional por meio da oferta de educação superior a distância. Ciente de que a ampliação de vagas nas universidades federais enfrentava sérias limitações, o MEC viu na UAB a possibilidade de democratizar, expandir e interiorizar o ensino superior público e gratuito no País, com apoio da educação a distância e a incorporação de novas metodologias de ensino, especialmente o uso de tecnologias digitais. (MAIA; VIDAL, 2010, p. 17)

De acordo com o decreto nº 5800/2006, que instituiu o sistema UAB, entre os objetivos desse sistema, figura a busca em reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do País, bem como estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País.

No entanto, Maia e Vidal (2010, p. 18) explicam que a UAB não deve ser entendida como uma nova instituição para o MEC, pois na realidade ela se apresenta como uma configuração de rede, envolvendo as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e as Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), que no caso, representam as universidades estaduais, incluídas a partir do segundo edital para a UAB. Dentre os cursos oferecidos pelo programa UAB, os alunos podem contar com graduação, pós-graduação *latu* e *stricto sensu*, bem como cursos sequenciais.

No Brasil, segundo Azevedo (2005, p. 50), houve um tempo em que pensava-se a educação a distância somente para os mais pobres, gerando uma forma diferente de exclusão, onde os mais ricos eram deixados de fora dos projetos EAD. Com isso gerou-se certo receio com relação a nova modalidade e que até hoje ainda está presente. A EAD era percebida como sendo uma alternativa de baixa qualidade e que servia apenas para atender um público menos exigente, que não teve outra opção para estudar. Mas essa realidade começou a mudar com a chegada e disseminação da internet e com a onda do eLearning, que fez com a ideia de estudar a distância fosse revista pelos excluídos de outrora.

De fato a EAD tem faces incríveis, mesmo os pessimistas, que veem na modalidade uma ilusão de democratização, encarando-a como uma ferramenta de capacitar pessoas para servir de

mão-de-obra para o sistema vigente, devem reconhecer suas potencialidades na democratização do conhecimento, que é um direito de todos, independentemente da finalidade na qual seja empregada, pois constitucionalmente todos devem ou deveriam ter o direito de frequentar uma universidade, mesmo que seja virtualmente.

O ponto mais sensível de tudo isso é que a EAD hoje está altamente vinculada às TICs, mas tem muitos brasileiros que ainda não tem nem mesmo energia elétrica em casa, o que impede a expansão do conhecimento em muitas regiões brasileiras, dado que não se trata de uma estrutura tão barata e que as tecnologias ainda estão longe de serem acessíveis a todos.

Segundo dados do Censo EAD. BR da ABED de 2012, 61% das conclusões em cursos autorizados EAD ocorreram na graduação, porém as regiões que tiveram expressiva participação nesses números foram a região Sul (54%) e a região sudeste com 37% das conclusões. As regiões centro-oeste e nordeste ficaram ambas com 4%. E em último lugar ficou a região norte com apenas 1% das conclusões.

Na tabela 2, é possível analisar os dados obtidos pelo censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nela estão organizados por ordem decrescente os estados brasileiros segundo o número de domicílios com energia elétrica. Em seguida estão organizados também em ordem decrescente os estados com maior renda per capita e por último os estados com maior frequência média ao ensino superior. É possível observar no topo da tabela, que os estados com maior renda per capita são também os que tem mais domicílios com energia elétrica, ou seja, os mais bem estruturados e também os que apresentam os melhores índices de frequência ao ensino superior, são estados da região sul, sudeste e o Distrito Federal. Por outro lado, na base da tabela estão os estados mais pobres, menos estruturados e cuja população apresenta menos frequência ao ensino superior. São basicamente estados pertencentes à região norte e nordeste.

Tabela 2: Estados brasileiros segundo características sociais e o ensino superior

Domicílios com energia elétrica (%)		Estados Renda per capita (R\$)		Frequência líquida ao Ensino superior (%)	
R. de Janeiro	99,92	D. Federal	1715,11	D. Federal	24,55
São Paulo	99,91	São Paulo	1084,46	S. Catarina	19,17
D. Federal	99,91	R. de Janeiro	1039,30	Paraná	18,53
Espírito Santo	99,83	S. Catarina	983,90	Rio G. do Sul	18,50
S. Catarina	99,81	Rio G. do Sul	959,24	São Paulo	16,91
Rio G. do Sul	99,71	Paraná	890,89	Goiás	16,32
Paraná	99,60	Espírito Santo	815,43	Mato G. do Sul	15,93
Pernambuco	99,47	Goiás	810,97	Mato Grosso	15,39
Paraíba	99,43	Mato G. do Sul	799,34	R. de Janeiro	15,38
Goiás	99,39	Mato Grosso	762,52	Minas Gerais	14,97
Rio G. do Norte	99,36	Minas Gerais	749,69	Espírito Santo	14,86
Minas Gerais	99,35	Rondônia	670,82	Tocantins	14,35
Sergipe	99,18	Roraima	605,59	Roraima	13,58
Ceará	99,08	Amapá	598,98	Amapá	12,95
Alagoas	98,98	Tocantins	586,62	Sergipe	12,68
Mato G. do Sul	98,63	Rio G. do Norte	545,42	Rio G. do Norte	12,50
Amapá	98,27	Amazonas	539,80	Piauí	12,29
Mato Grosso	98,01	Pernambuco	525,64	Paraíba	12,12
Rondônia	97,26	Sergipe	523,53	Rondônia	11,63
Bahia	96,45	Acre	522,15	Acre	10,50
Maranhão	96,10	Bahia	496,73	Amazonas	10,06

Tocantins	94,74	Paraíba	474,94	Ceará	9,68
Piauí	93,01	Ceará	460,63	Pernambuco	9,62
Amazonas	92,18	Pará	446,76	Alagoas	9,18
Pará	91,89	Alagoas	432,56	Bahia	7,86
Acre	91,14	Piauí	416,93	Maranhão	6,97
Roraima	90,73	Maranhão	360,34	Pará	6,84

Fonte: Elaborada pelas autoras com base no Atlas do desenvolvimento 2013 - PNUD (censo IBGE 2010)

O Brasil, infelizmente é um país muito desigual economicamente e socialmente, como também as oportunidades são desiguais. Democratizar é tornar mais acessível, é expandir, é interiorizar. A EAD é uma modalidade que ainda está em desenvolvimento no país, mas o seu amadurecimento certamente poderá ser o caminho para que mais brasileiros tenham acesso à educação. Logicamente que para isso é necessário também um avanço no desenvolvimento social e econômico de algumas regiões para que se possa ter ao menos a estrutura mínima de tecnologia requerida para o funcionamento da educação a distância.

5. As expectativas virtuais para a Educação

Não se pode necessariamente prever o futuro, mas a partir do que vê é possível traçar um panorama do que certamente virá pela frente, em mais ou menos dias. Porém na educação, segundo Moran (2004), é viável antecipar algumas perspectivas. De acordo com o autor, a tendência é que a educação se torne cada vez mais complexa, já que a sociedade vive em constante desenvolvimento, exigindo cada vez mais conhecimento. A educação será contínua, inclusiva e mais complexa e provocará modificações no processo educacional tradicional, adentrando cada vez mais os espaços virtuais. O professor não será mais o foco do aprendizado, que será centralizado também no aluno, no aprendizado coletivo, com inúmeras e diversas fontes de informação.

Haverá também expansão da educação, principalmente nos espaços organizacionais e os cursos terão características variadas de tempo, espaço e metodologia para que se adaptem ao perfil de cada aluno. No que tange as perspectivas futuras para a EAD, pode-se seguramente dizer que são as mais otimistas possíveis, já que a modalidade se encaixa perfeitamente às necessidades da sociedade atual, além do fato de estar vinculada à tecnologia que se desenvolve em escala crescente. Enfim, não há como se voltar atrás ou parar o processo no tempo.

Em 2002, Litto fazia suas previsões futuras sobre a educação a distância. Hoje é possível constatar que o autor não estava equivocado em suas colocações, pois muito embora o nível tecnológico alcançado ainda não tenha sido totalmente aproveitado na educação formal, há de se convir que as previsões apresentadas se realizaram em grande parte e vão se concretizar ainda mais nos próximos anos, conduzindo a educação para um cenário mais pluralista e com maior diversidade de abordagens de aprendizado, conforme o proposto pelo autor.

[...] Escolas e universidades com características tradicionais, do mesmo jeito que são hoje em 2002, para alegria de pais e alunos nostálgicos, vão sempre existir. Mas está ficando cada vez mais claro que o futuro pode trazer, para a maioria dos aprendizes, os benefícios de uma nova forma de atuação educacional, uma que aproveita inteligentemente as novas tecnologias e os novos conceitos de aprendizagem. (LITTO, 2002).

As previsões do autor teriam se concretizado ainda com mais ênfase nesses doze anos se não fosse à barreira imposta pelos preconceitos da sociedade em geral e também pelo que Litto chama de “burocratas da educação”. Mas de toda forma, ao se olhar para o cenário educacional hoje, é

possível afirmar que a educação em geral está se tornando cada vez mais centrada no aluno. E é bem provável que em breve o diploma tenha tempo limitado, sendo necessários cursos de atualização. Que o aluno tenha em seu histórico cursos realizados localmente e continentalmente distantes, entre outras expectativas para educação no Brasil e no mundo.

6. Os principais desafios a serem superados

De acordo com o Censo EAD 2012, um dos principais obstáculos para o desenvolvimento das ações na modalidade tem sido a evasão, que é ocasionada principalmente pela falta de tempo para estudar (23,4%), falta de adaptação à metodologia (18,3%) e aumento da carga de trabalho (15%). Observa-se assim, que a falta de adaptação à metodologia ocupa a segunda posição entre as principais causas da evasão. Ocorre que os alunos em geral ainda estão muito presos à cultura do ensino, estão acostumados a terem um professor que traz todo o conteúdo “mastigado” para que eles façam a “decoreba” e quando são instigados a pensar por si mesmo, quando desafiados a pesquisar, deixam transparecer todas as suas fragilidades.

Embora a evasão tenha sofrido queda, conforme é possível observar na tabela 3, ainda é motivo de preocupação nos ambientes educacionais que trabalham a modalidade e é com certeza uma questão merecedora de atenção.

Tabela 3: Índices de evasão registrados no período 2010 - 2012 (EaD)

Tipos de cursos	2010	2011	2012
Autorizados	18,60%	20,50%	11,74%
Livres	22,30%	23,60%	10,05
Corporativos	7,60%	20%	3%
Disciplinas		17,60%	3,10%

Fonte: Extraída do Censo EaD (ABED)

Nesse contexto surge a motivação como fator de amenização da evasão, além de um constante e eficiente suporte principalmente no início dos cursos, que é quando ocorre maior índice. Na perspectiva de Moran (2004), o risco de desmotivação é constante, pois mesmo nos cursos extremamente bem estruturados existe tal risco em longo prazo. No presencial, o aluno consegue ter um feedback mais imediato, tem também a possibilidade de interagir com seus colegas dividindo suas expectativas, seus medos e anseios. Nos cursos a distância essa questão se torna mais complicada, logo, para manter-se no curso, o aluno EAD precisa ser constantemente motivado, precisa sentir-se amparado.

Para garantir o sucesso de um curso a distância é preciso também muita conscientização, tanto por parte dos alunos, que devem estar abertos à cultura da aprendizagem, mas também por parte dos professores e tutores que devem agir sempre motivando o aluno e principalmente encarando a EAD com o mesmo comprometimento que no presencial. É imprescindível também a prontidão no atendimento e nos feedbacks, principalmente no início do curso, quando o aluno é mais frágil e está mais suscetível à evasão.

Além dos obstáculos resultantes da própria adequação dos alunos aos cursos a distância, outros mais podem ser apontados na trajetória EAD, inclusive dentro dos próprios ambientes educacionais. Moran (2004) explica que a escola por si apresenta uma tendência mais tradicional do que inovadora, o que faz com que se crie uma forte resistência às mudanças, resultando na continuidade dos modelos de ensino centrados no professor e no predomínio do ensino em vez da aprendizagem. Por tudo isso é possível concluir que será tarefa árdua mudar essa cultura escolar

tradicional e que muitas instituições acabarão por reproduzir no virtual o modelo focado no professor utilizado no presencial.

A flexibilidade proporcionada pelos cursos a distância está vinculada à autonomia e à disciplina do aluno, ou seja, o aluno deve ter maturidade e saber administrar seu tempo, pois do contrário, o que seria um benefício pode se tornar um inconveniente e a “liberdade” mal administrada passa a ser um impedimento para que continue no curso.

Outro ponto nevrálgico apontado por Moran é a falta de atualização de alguns professores, que tendem a manter a mesma metodologia repressiva, controladora e repetitiva ao invés de tentar acompanhar o desenvolvimento tecnológico dos alunos e fazerem uso das novas ferramentas trazidas pela tecnologia. Ocorre também que muitas instituições às vezes não dão o suporte necessário para que o professor possa implantar novos métodos pedagógicos.

7. Reflexões finais

O Brasil, infelizmente é um país muito desigual economicamente, e por consequência as oportunidades são desiguais. Democratizar é tornar mais acessível, é expandir, é interiorizar. É também buscar igualdade, respeitar a cidadania, é valorizar as pessoas, integrando-as e fazendo com que se sintam valorizadas. A EAD mesmo enfrentando ainda bastante resistência, tem sido uma ponte para levar o conhecimento até pessoas que de outra forma não teriam condições de ir até ele.

No caso da UAB, por exemplo, muitas das cidades onde estão instalados os polos de apoio presencial que servem de suporte aos cursos a distância, estão localizadas há quilômetros de distância das cidades universitárias, tendo quando muito uma ou outra faculdade privada “disponível”, que muitas vezes também funciona pela EAD. Disponível em partes, pois é importante lembrar que muitas pessoas ainda não têm condições de pagar uma graduação.

Segundo o Censo EAD 2012 houve aumento no número de instituições respondentes ao censo. Houve também aumento nas matrículas EAD, sendo que a idade média do aluno ingressante na graduação é de 32 anos. Predominam os cursos de licenciatura seguidos pelos cursos de bacharelado e por último os cursos tecnológicos. A maioria das matrículas na graduação é do público feminino, ou seja, o perfil do discente EAD é definido pela predominância do sexo feminino, geralmente com idade em torno de 30 anos, cursando licenciatura. O fato do perfil dos discentes brasileiros serem caracterizados por instituições de ensino superior privadas, logicamente se deve ao fato da predominância das mesmas sobre o número de instituições públicas.

Na EAD, assim como na educação presencial, as regiões nordeste e norte tem participação menos expressiva na frequência ao ensino superior. Uma realidade certamente moldada pelas desigualdades socioeconômicas brasileiras. A educação a distância tem sido uma ferramenta de democratização, expansão e interiorização do conhecimento, mas ainda são necessárias muitas políticas públicas, além de um maior desenvolvimento estrutural em algumas regiões, para que seja possível implementar a estrutura tecnológica mínima requerida pelos cursos EAD atualmente, visto que essa modalidade está diretamente ligada às tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Os desafios na educação a distância são vários, desde a evasão resultante da não adaptação à metodologia até à resistência derivada do próprio conservadorismo da educação formal, resistência inclusive entre alguns que até trabalham com a EAD, mas que não são favoráveis a ela. Sobre as causas da evasão, verificou-se que em sua grande maioria são devido a falta de tempo para estudar, falta de adaptação à metodologia e aumento da carga de trabalho.

Felizmente no que tange as perspectivas para a EAD, pode se dizer que são otimistas, já que a modalidade tem passado por efetiva expansão nos últimos anos e é crescente o número de matrículas na maioria dos seus seguimentos. Além do seguimento estudantil, também o setor corporativo tem se envolvido bastante, visando a capacitação de seus funcionários.

8. Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EAD Brasil 2012**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead/censoEAD.BR_2012_pt.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014. bv

ALBINO, J. P.: BARROS, D. M. Educação a distância: desafios atuais. In: CAPELLINI, V. L. M. F.: RODRIGUES, O. M. P. R. (Org.). **Formação continuada a distância: explorando o Ambiente TELEDUC**. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010. p. 37- 45

AZEVÊDO, W. **Muito além do jardim de infância: temas de educação online**. Disponível em <www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/vanguarda.html>. Acesso em: 27 maio 2014.

BARROS, D. M. Educação a distância. In: **Formação continuada a distância: explorando o Ambiente TELEDUC**. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010. p. 57-68

BRASIL, **Decreto nº 5.800 de 8 de junho de 2006**. Dispões sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5800.htm>. Acesso em: 2 jun. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo técnico da educação superior 2011**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2011.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014.

LITTO F. M. **Previsões para o futuro da aprendizagem**. Coluna do autor no site Aprendiz, 26 fev. 2002. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/f_litto/id260202.htm>. Acesso em 15 maio 2014.

LITWIN, E. (Org.). **Educação a distância: temas para um debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MAIA, J. E. B.: VIDAL, E. M. **Introdução à educação a distância**. Fortaleza: RDS, 2010

MORAN, J. M. **Perspectivas (virtuais) para a educação**. Mundo Virtual, Cadernos Adenauer IV, nº 6. Rio de Janeiro, Fundação Konrad Adenauer, abr. 2004, páginas 31-45. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/futuro.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

NUNES, I. B. **A história da EAD no mundo**. In: Educação a distância o estado da arte. LITTO, F. M.: FORMIGA, M. (orgs). São Paulo: Pearson Education, 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2003.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Atlas2003>. Acesso em: 20 maio 2014.

RODRIGUES, C. A. F.: SCHMIDT, L. M. **Introdução à educação a distância**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.

WACHOWICZ, M. **Ensino a distância e direitos autorais: a produção do conhecimento e a sua tutela jurídica**. In: FIDALGO, F. S. R. (Org.). Educação a distância: meios atores e processos. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2013.